

O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico — um questionário aferido para a população escolar portuguesa

Isabel P. Freire, Ana M. Veiga Simão & Ana S. Ferreira
Universidade de Lisboa, Portugal

Resumo

No presente artigo apresenta-se um questionário que constitui um instrumento de estudo de diferentes manifestações de violência entre pares, para o 3º ciclo do ensino básico, aferido para a população portuguesa. Após uma breve introdução à problemática da violência entre pares, descreve-se sinteticamente o processo de construção do questionário e dá-se uma sinopse do instrumento. Por fim, apresentam-se os resultados mais relevantes da aplicação do referido questionário a 242 alunos de uma escola do 3º ciclo do ensino básico da cidade de Lisboa. A análise destes dados permitiu concluir, por exemplo, que existe independência entre ser agressor de *bullying* e o ano de escolaridade mas que, pelo contrário, os casos de agressão sistemática (quer de alunos-vítimas, quer de alunos-agressores) variam com o género.

Palavras-chave

Agressores; Maus-tratos entre iguais; Questionário; Violência entre pares; Vítimas

O Miguel era um rapazinho franzino de 17 anos, que frequentava o 11º ano numa turma exclusivamente masculina de um curso técnico-profissional. Quando comecei o meu trabalho como directora de turma apercebi-me de alguns desequilíbrios nas relações entre os elementos da turma, mas só mais tarde me vim a aperceber da gravidade da questão.

O Miguel era constantemente perseguido com piadas, graças de mau gosto sobre o seu aspecto físico (que diziam feminino) e sujeito a 'brincadeiras' mais

ou menos violentas em que era humilhado e vexado. As 'brincadeiras' iam desde as palmadas nas costas com grandes sorrisos, acompanhadas com "Então, 'pá', 'tás' bom?!", a esconderem-lhe os seus objectos pessoais ou os materiais necessários para as aulas, a estragarem-lhe os trabalhos realizados ou aos encontrões e a outras formas mais 'originais' como meterem-no dentro de um caixote do lixo da escola ou terem-no deixado pendurado no cabide da sala de aula.

(relato de uma professora)

Introdução

No presente artigo apresenta-se, de forma fundamentada, um questionário que constitui um instrumento de estudo das diferentes manifestações de violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico (cf. anexo 1). A sua construção resultou, por um lado, da preocupação sentida actualmente com a violência nas escolas e suas repercussões no quotidiano de estudantes e de educadores e, por outro lado, do facto de constatar a falta de instrumentos aferidos para a população portuguesa deste ciclo de estudos, que possam dar um retrato rigoroso do problema da agressão entre pares, distinguindo a agressão que é ocasional da agressão sistemática, de forma a descrever os fenómenos de forma realista, sem alarmismos, mas também não os negligenciando.

Neste instrumento, os dados relativos à agressividade entre pares são recolhidos de forma contextualizada, ou seja, a recolha de informação, que o instrumento prevê, acerca do ambiente escolar em geral, na perspectiva dos alunos, permite perceber o fenómeno no seu contexto relacional mais geral. Esta qualidade do instrumento facilita não só o diagnóstico do problema da violência nas escolas, mas também o seu enquadramento no contexto escolar em que ocorre, mormente no que respeita às relações interpessoais aos mais diversos níveis. Este aspecto da informação recolhida através do instrumento que aqui apresentamos, torna-o útil, ao nível da intervenção, dado que para além do diagnóstico, pode apontar pistas para o planeamento das acções a desenvolver. Para a sua utilização no campo da investigação mais fundamental, ele permite obter dados relevantes para planos de investigação que visam o estudo da relação entre a violência entre pares, e o *bullying* em particular, com o clima de escola.

Depois de fazermos uma pequena introdução à problemática, destacando as principais conclusões dos estudos a nível nacional e

internacional, apresentamos o processo de construção do questionário e uma sinopse do instrumento a que chegámos. Apresentamos no final alguns dos resultados mais relevantes da sua aplicação num estudo de caso já realizado (Veiga Simão, Freire & Sousa Ferreira, 2004).

A problemática da violência entre pares e da educação para a paz

As escolas e os educadores ao longo dos tempos e em todas as culturas sempre se preocuparam com a transmissão de valores às novas gerações. Nos nossos dias, face ao fenómeno da globalização, cresce em todo o mundo a preocupação com a paz mundial e com o respeito pelos direitos humanos e deposita-se nos educadores a esperança de que com a sua acção contribuam para que as novas gerações sejam educadas numa cultura de não-violência, formando cidadãos capazes de promover a paz. No século XX muitas conquistas foram atingidas no campo dos direitos humanos, designadamente dos direitos das crianças, consignados na Carta dos Direitos da Criança (1959). Estas conquistas têm vindo a repercutir-se nos mais diversos âmbitos da sociedade, desde a família às organizações políticas, ao sistema jurídico, às diferentes instituições que se dedicam à infância e juventude. Também na escola, os direitos dos alunos, nomeadamente o direito à diferença, ao bem-estar e à qualidade de vida, se inscrevem progressivamente no seu quotidiano, acrescentando-se o direito a um ensino de qualidade. Todavia, as escolas como organizações de grandes dimensões (que são na sua maior parte), são também, hoje como antes, lugares de muitos tipos de violência e de agressividade, desde aquela que se expressa fisicamente até à mais subtil forma de violência psicológica. Muitas vezes, essa realidade tem um carácter escondido, porque as vítimas sentem medo de a denunciar. Por isso, a par da sensibilização para o problema dos diferentes educadores no interior de cada escola, o diagnóstico rigoroso destas situações é um elemento crucial para qualquer projecto de intervenção nesta área, como sublinha Dan Olweus (2000). A construção de um clima escolar em que todos se sintam seguros e confiantes, onde haja espaço para o desenvolvimento de boas relações humanas, onde haja espaço para ensinar e para aprender, é e continuará a ser cada vez mais uma preocupação dos administradores escolares, dos professores e dos pais. De um modo

geral, os professores ao longo dos tempos sempre se preocuparam com a transmissão de valores de não-violência às novas gerações, de forma mais ou menos consciente. No mundo de hoje, faz cada vez mais sentido que na escola se cultive, de forma intencional, uma educação para a paz, que pressupõe a existência de uma cultura de direitos humanos em cada escola.

A existência de formas de violência no interior da escola põe em causa quer o bem-estar, quer a capacidade dos professores exercerem a sua função de educadores para a paz, quer, ainda, o respeito pelos direitos humanos a que todos, alunos e professores, têm direito. Como defende Rosário Ortega (2003), a violência é um fenómeno em que há uma constante: algumas pessoas, por si sós, institucionalmente ou em grupo, impedem ou dificultam que outras pessoas tenham livre acesso ao gozo dos direitos humanos, desde os direitos mais básicos, como o direito ao bem-estar físico e à segurança até ao direito à cultura, por exemplo.

Uma das manifestações da violência na escola que, na literatura educacional, tem atingido maior visibilidade é a agressão entre alunos, particularmente o fenómeno conhecido a nível internacional pelo termo *bullying* e que aqui designaremos também por maus-tratos entre iguais. Esta forma de violência entre pares distingue-se da agressão ocasional não só pela sua persistência no tempo, como pela desigualdade de poder entre os intervenientes (agressor e vítima), inscrevendo-se, portanto, numa relação de poder assimétrica (Olweus, 2000: pp. 9-10).

Sendo toda a forma de violência na escola uma preocupação dos educadores e da sociedade em geral, como já dissemos, quando ela assume um carácter sistemático aumenta obviamente essa preocupação, não só pelos efeitos que causa nas vítimas e agressores, a curto e a longo prazo, como pelo efeito nos próprios observadores, particularmente nas escolas onde o fenómeno apresenta uma maior incidência. A violência que se observa em cada escola é desencadeada por um pequeno grupo de entre os seus alunos. Apesar disso, muitas crianças e adolescentes vêm-se confrontados frequentemente, no seu quotidiano escolar, com situações de agressividade (quer enquanto vítimas, quer como observadores) com as quais não sabem lidar e que, por vezes, afectam decisivamente o seu percurso escolar, o seu bem-estar e o seu processo de desenvolvimento pessoal e social.

Os maus-tratos entre iguais expressam-se através de diferentes formas de agressão, que podem categorizar-se em: (i) maus-tratos físicos — atacar fisicamente outra pessoa, roubar ou danificar os seus pertences; (ii) maus-tratos verbais — chamar nomes, opor-se com atitude desafiadora e ameaçar; (iii) maus-tratos indirectos — espalhar rumores pejorativos, excluir socialmente (Cerejo, 1999: 133, 134). Se bem que o fenómeno dos maus-tratos entre iguais se manifeste de várias formas, a mais frequente é 'chamar nomes', seguindo-se a agressão física e a ameaça.

Enquanto que a agressividade entre alunos, genericamente considerada, não é experienciada de forma muito diversa pelos dois géneros, já no caso do *bullying* existe uma tendência para as alunas estarem mais envolvidas em situações de agressão indirecta e os alunos em situações de agressão física; quer como vítimas, quer como agressoras, as alunas envolvem-se especialmente em situações de *bullying* indirecto e de agressão verbal (Veiga Simão, Freire & Sousa Ferreira, 2004: 13).

Segundo diversos estudos, citados por Freire (2001), os alunos do género masculino são os mais envolvidos em situações de maus-tratos, particularmente no que respeita aos agressores. Embora as diferenças não sejam tão evidentes quando se trata das vítimas, são também os alunos deste género que são as vítimas mais frequentes (em especial quando se trata do designado *bullying directo*). Geralmente as alunas-vítimas são maltratadas indiscriminadamente por colegas de ambos os géneros, enquanto que é mais raro os alunos serem maltratados por alunas. Também é referido que os alunos-vítimas são em geral maltratados por colegas mais velhos. As crianças com deficiências, integradas no ensino regular, são particularmente afectadas. Muitas vezes, a sua aparência ou o seu padrão de comportamento são diferentes dos das outras crianças e isso constitui à partida um factor de risco (Whitney, Smith, & Thompson, 1998).

As razões para tão incompreensíveis comportamentos por parte de alguns alunos são diversas e prendem-se com as vivências informais que crianças e adolescentes experimentam no dia-a-dia escolar, quer com os colegas de turma, quer com os outros quando se encontram no recreio, nos corredores, no refeitório, etc. No seu trabalho de carácter etnográfico Amado (1998) revela, através dos testemunhos dos alunos que observou, que

tais incidentes servem processos de "estimulação" mútua (as praxes e os jogos agressivos que são "moda"), são formas de defesa do território pessoal e do

grupo, constituem estratégias de "pressão" por parte de um grupo ou de um aluno sobre outro (geralmente mais fraco) e traduzem também pequenas vinganças intergrupais. Outras vezes, têm uma função de retaliação ou de retribuição pessoal face a situações de sofrimento (agressão verbal e física, discriminação de qualquer tipo, difamação, etc.).

Os 'pretextos' podem, também eles, ser tão diversos que vão desde alguns defeitos físicos, que são pequenos (ou grandes) estigmas que o aluno-vítima carrega durante toda a sua história escolar, ao mau e, também, ao bom desempenho académico, à origem social, étnica ou demográfica diferente da maioria, até ao facto de pertencer ao género feminino (Amado & Freire, 2002: 67, 68), ou ao género masculino e ser visto pelos colegas como tendo um aspecto efeminado, como no caso que apresentamos no início deste artigo.

Os muitos estudos já realizados demonstram que este é um problema que ocorre em todas as escolas, em todos os níveis de ensino, área geográfica ou demográfica. Porém, a sua prevalência parece ser algo variável, desde os 14% do total de crianças (uma em sete) do estudo realizado por Olweus em 1983, com alunos noruegueses de idades compreendidas entre os 10 e os 15 anos (nível 4 ao nível 7) até aos 10% observados mais recentemente na Grã — Bretanha (Smith, 1998: 51), ou mesmo os 7% por nós identificados num estudo com alunos de 3º ciclo de uma escola portuguesa (Veiga Simão, Freire & Sousa Ferreira, 2004). Também numa investigação de tipo etnográfico, Freire (2001), seguindo o percurso escolar de alunos do 3º ciclo do ensino básico (nível 7 ao nível 9), observou uma prevalência de cerca de 10% nos sujeitos participantes no estudo. Os estudos pioneiros em Portugal (Pereira & Mendonça, 1995; Pereira, Almeida, Valente & Mendonça, 1996), realizados nos 1º e 2º ciclos do ensino básico, apresentam uma maior incidência do fenómeno (21% no conjunto dos alunos destes dois ciclos).

Parece observar-se uma tendência para uma diminuição do problema ao longo da escolaridade, apesar das aparentes contradições que podem dever-se não só às diferenças entre contextos escolares e sociais estudados, como a questões de carácter metodológico e que, por isso, aconselham cautela nas possíveis generalizações. No estudo atrás citado (Veiga Simão, Freire & Sousa Ferreira, 2004), realizado numa escola da cidade de Lisboa, verificámos que, ao longo do 3º ciclo do ensino básico, os alunos em geral vão

vivendo cada vez menos situações de agressividade, enquanto que o pequeno grupo de alunos que vivencia situações de agressividade sistemática (quer como vítimas, quer como agressores) parece ter uma certa tendência para aumentar, a par do facto de se tornarem casos cada vez mais problemáticos.

Para além da frequência do problema, também os seus efeitos têm sido uma preocupação dos investigadores. Diversos estudos de *follow-up* revelaram nos jovens adultos que foram sistematicamente vítimas dos seus pares durante a escolaridade, maior demora e dificuldade em estabilizar o seu modo de ser, uma tendência persistente para a depressão e mais baixa auto-estima, comparativamente com aqueles que não viveram essas experiências. Relativamente aos agressores, vários estudos confirmam a ideia de que é de prever que os jovens que são agressivos com os seus pares (os *bullies*) correm um risco claramente maior de mais tarde se envolverem em outros problemas de comportamento, tais como a criminalidade, o abuso de substâncias aditivas ou o comportamento agressivo em família. Trata-se, portanto, de um problema social grave, que extravasa o âmbito escolar e pessoal. Na literatura da especialidade, as referências a suicídios de adolescentes associados aos maus-tratos entre iguais dão-nos dramaticamente uma melhor percepção da dimensão do problema. Apesar da dimensão e das consequências deste problema, ele tem sido socialmente bastante negligenciado. Muitos adultos consideram-no inevitável na vida escolar e, por vezes, encaram-no mesmo como algo que faz parte da iniciação à idade adulta, particularmente no caso dos rapazes.

A ideia dominante de que o *bullying* ocorre fundamentalmente nas grandes cidades parece ser um mito; o fenómeno é geral em todos os meios demográficos, mas nas grandes cidades, apesar de tudo, existe uma maior consciência social do problema. As condições sócio-económicas da família, tal como o aproveitamento escolar dos alunos também não parecem estar associados ao *bullying*, tanto no que respeita aos alunos-agressores como aos alunos-vítimas (Olweus, 2000; Borg, 1999). A dimensão da escola, a dimensão da turma e a convivência de diferentes grupos étnicos na mesma escola e na mesma turma igualmente não se revelam associados a este fenómeno (Whitney & Smith, 1993; Olweus, 2000). No nosso estudo, já referido, observámos que

os alunos de outras origens, que não a autóctone (neste caso a lusa), tendem a sentir-se mais vítimas dos seus colegas, quando consideramos a agressão não sistemática. No caso do *bullying* observou-se uma importante associação entre o estatuto de vítima e a origem asiática e entre o estatuto de agressor e a origem lusa ou de outros países da União Europeia (p. 13).

A leitura destes resultados deve ter em conta a particularidade inerente ao facto de se tratar de um estudo de caso único, ou seja, de uma só escola.

Por outro lado, sabemos que a investigação revela uma forte associação do *bullying* com factores familiares, como as relações de afecto entre pais e filhos, os modelos de autoridade familiar ou clima emocional que se vive na família. Nas últimas décadas a investigação tem-se centrado cada vez mais em factores ligados à escola (Tattum & Tattum, 1997; Freire, 2001), no sentido de se compreender como é que o ambiente escolar pode interferir na maior ou menor prevalência da violência entre pares.. A implementação de programas a nível de escola que adoptem esta perspectiva requer um claro conhecimento do fenómeno no contexto escolar em que se pretende intervir, a fim de equacionar os verdadeiros problemas e as estratégias mais adequadas (intervenções no recreio, relação da escola com os pais, melhoria nas relações interpessoais aos mais diversos níveis, reequacionamento dos regulamentos e das formas de divulgação e de aplicação dos mesmos, desenvolvimento do clima social ou *ethos* da escola, etc.) (Pereira, 2002). Neste sentido, parece-nos importante que os educadores e, em particular, os órgãos de gestão das escolas disponham de instrumentos que permitam realizar um diagnóstico rigoroso da situação, permitindo identificar não só a dimensão do problema da agressividade entre alunos e as manifestações da mesma, como destacar o problema da agressão sistemática.

Também ao nível da investigação, pensamos ser útil a possibilidade de aplicação de um mesmo instrumento de recolha de informação, de forma alargada a diferentes contextos sociais e escolares, de forma a melhor poder caracterizar o fenómeno no nosso país.

Metodologia

O questionário é um instrumento de recolha de informação que permite, quer ao investigador, quer ao educador, obter com facilidade um conhecimento em extensão do problema em estudo. O questionário que aqui

apresentamos permite-nos igualmente conhecer em profundidade as situações peculiares, que se revestem de gravidade não particularmente pela sua extensão, mas pelas implicações a curto e a médio prazo que podem ter na vida de quem as vivencia de forma sistemática e que, por isso, exigem uma intervenção específica.

O facto de nos termos confrontado com a necessidade de termos um instrumento aferido para o estudo desta realidade numa escola portuguesa do 3º ciclo, a pedido dos seus órgãos de gestão, e não encontrarmos resposta adequada aos objectivos do nosso estudo na literatura portuguesa¹, levou-nos à inevitabilidade de construir um questionário. Com ele pretendemos não só obter informação acerca das práticas agressivas entre alunos em toda a sua extensão, como poder identificar as situações de carácter sistemático e, por isso mesmo mais graves, as quais se podem incluir nos maus-tratos entre iguais. Por outro lado, pretendemos, ainda, que o questionário permita a recolha da opinião dos alunos acerca do ambiente geral da escola e da sua atitude face à observação da violência entre pares.

Características como a validade e a fidelidade do instrumento foram consideradas na construção deste questionário. Quanto à validade foi prestada uma atenção particular à validade de conteúdo e à validade de contexto. A fim de ser garantida a validade de conteúdo, para além de se proceder a uma revisão profunda da literatura internacional e nacional sobre o tema, foram realizadas entrevistas semi-directivas a alunos deste ciclo de estudos, cuja análise de conteúdo permitiu elaborar listas de comportamentos agressivos que correspondem, com bastante segurança àqueles que se observam nas escolas portuguesas deste ciclo de estudos. No que diz respeito à validade de contexto, tivemos o cuidado de aplicar o pré-questionário de forma personalizada a um conjunto de alunos, de forma a estar garantida a adequação da linguagem e da implicação na resposta ao questionário em geral por parte dos alunos deste nível etário.

Construção do questionário

A construção do questionário sobre as situações de agressão entre pares compreendeu uma série de passos metodológicos. Num passo inicial, elaborou-se uma primeira versão, a partir dos construtos apresentados

anteriormente, e particularmente dos estudos de Dan Olweus, a qual foi sujeita a uma reflexão entre os investigadores. Esta primeira versão foi depois aplicada a quarenta jovens do género feminino e masculino, com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos, que frequentavam os 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico. O anonimato foi garantido a todos os participantes, tendo estes sido informados que não existiam respostas certas, nem erradas. Seguidamente foram fornecidas instruções sobre o preenchimento e os investigadores colocaram-se à disposição dos jovens para qualquer esclarecimento adicional. Após a aplicação do pré-questionário procedeu-se a uma entrevista a cada participante. Para além da preocupação de registar os tempos de resposta e as dúvidas colocadas pelos jovens procurou-se saber da sua adesão ao questionário, das questões mais ou menos importantes, das que colocaram maiores dificuldades (vocabulário, interpretação...), bem como perceber se algumas questões inibiam a possibilidade de resposta. A partir da análise das respostas procedeu-se à reformulação do questionário.

Aplicou-se, então, a versão reformulada do questionário a 242 alunos (doze turmas) do 3º Ciclo do Ensino Básico de uma escola do 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário da cidade de Lisboa. A administração do questionário foi colectiva, na sala de aula e efectuada por uma pessoa da equipa de investigação.

No quadro 1 apresenta-se a distribuição dos 242 alunos por ano de escolaridade, género e idade:

Quadro 1 – Distribuição da população por ano de escolaridade, género e idade

Ano			Idade					Total
			11/12	13/14	15/16	17/18	19/20	
7º	Sexo	masculino	5	16	4			25
		feminino	6	21	4			31
	Total		11	37	8			56
8º	Sexo	masculino		34	14		2	50
		feminino		36	9		0	45
	Total			70	23		2	95
9º	Sexo	masculino		13	32	7	0	52
		feminino		16	19	3	1	39
	Total			29	51	10	1	91

A população observada distribuía-se por três turmas do 7º ano, cinco do 8º e quatro do 9º ano, e era constituída por alunos que viviam preferencialmente com pai, mãe e um irmão (66,2%), sendo maioritariamente portuguesa (89,2 %) e tendo os progenitores profissões e habilitações diversificadas. Todos os questionários foram respondidos de forma anónima e analisados posteriormente.

Versão final do questionário

A versão final do questionário que agora se apresenta resultou da análise dos resultados da aplicação da versão anterior do questionário, a qual teve como objectivo a validação do seu construto.

A utilização deste questionário permite: a) identificar agressores, vítimas, e observadores frequentes de situações de maus-tratos (*bullying*); b) caracterizar os tipos de agressão/vitimação que ocorrem em situação escolar; c) caracterizar a população, em geral, do ponto de vista estrutural, caracterizar os alunos/agressores, os alunos/vítimas e observadores frequentes de situações de *bullying* (género, idade, nível socio-económico e cultural da família, percurso escolar, estrutura familiar,...); d) identificar os espaços onde ocorrem as situações de agressão e e) perceber o modo como os alunos vêem a intervenção dos adultos (professores, pessoal auxiliar

e órgãos de gestão) e dos seus pares face às situações de *bullying*. Para além desta caracterização das diferentes formas de agressão entre pares, e dos factores que lhe estão associados, o questionário permite conhecer a percepção dos alunos acerca do ambiente relacional da escola e o modo como estes interpretam e sentem a violência na escola.

Apresenta-se no quadro 2 a operacionalização dos blocos do questionário.

Quadro 2 - Operacionalização dos blocos do questionário

Bloco	Categoria	Finalidade	Nº de questões
A	Factores demográficos	Permite recolher um conjunto de informações sobre os alunos a ser cruzado com os diversos blocos.	13
B	Opinião sobre o ambiente escolar	Permite conhecer as percepções dos alunos sobre o ambiente escolar, facilitando a sua adesão ao questionário.	2
C	Identificação de situações de vitimização	Permite identificar relativamente às situações de vitimização o tipo, local, frequência, as atitudes, as consequências, a perspectiva de uns em relação a outros....	8
D	Identificação de situações de observação	Permite identificar relativamente às situações de observação o tipo, o local e as atitudes.	3
E	Identificação de situações de agressão	Permite identificar relativamente às situações de agressão o tipo, local, frequência, as atitudes, as consequências, a perspectiva de uns em relação a outros....	14
F G H	Auto-reflexão sobre o tema	Permite obter informação sobre sentimentos, atribuições, estratégias de lidar com as situações e, ainda, uma auto e hetero-avaliação.	5

Resultados obtidos e potencial do questionário

A análise dos dados do questionário foi realizada com o auxílio do *software* estatístico *SPSS versão 12.0*.

Para analisar os resultados da aplicação do questionário aos 242 alunos usaram-se diversos métodos de análise exploratória de dados e para estudar a relação entre os diversos estatutos associados ao fenómeno do *bullying* — vítimas, agressores, observadores — e as diversas características socio-demográficas utilizou-se o teste do Qui-quadrado de independência.

A análise já realizada (Veiga Simão, Freire & Sousa Ferreira, 2004) permitiu evidenciar que a maior parte dos alunos (68,6%) são observadores frequentes de situações de agressão entre colegas, verificando-se uma tendência para os observadores nada fazerem para proteger os colegas-vítimas. A observação de situações de agressividade entre colegas parece fazer parte do quotidiano de grande parte dos adolescentes nesta fase da escolaridade, independentemente do ano que frequentam, da idade, do género a que pertencem, do seu estatuto social ou origem étnica.

O tratamento dos dados do questionário permitiu, ainda, distinguir a dimensão do problema da violência ocasional daquela que alguns alunos vivem de forma sistemática, quer como vítimas, quer como agressores. No que respeita a este último tipo de violência, dos 242 alunos, onze (4,5%) podem considerar-se com estatuto de vítimas e seis (2,5%) com estatuto de agressores, (parecendo um destes últimos ter ora o papel de agressor ora de vítima), o que perfaz um total de 17 alunos (7%) envolvidos em maus-tratos entre iguais de forma sistemática, pelo que a incidência do fenómeno nesta escola fica um pouco aquém do que foi observado noutros estudos. Com base na análise estatística a que foram sujeitos os dados pode admitir-se, neste ciclo de estudos, a independência entre ser agressor de *bullying* e o ano de escolaridade, embora se observe a tendência para uma maior predominância no 9º ano. Relativamente à idade, este tipo de agressores situa-se particularmente nas idades dos 13 a 16 anos.

Ao longo deste ciclo de estudos os alunos em geral vão vivendo cada vez menos situações de agressão, enquanto que o pequeno grupo de alunos que vivencia situações de agressão sistemática (quer como vítimas, quer como agressores) parece ter uma certa tendência para aumentar.

Enquanto que a agressividade entre alunos, genericamente considerada, não é experienciada de forma muito diferente pelos dois géneros, já no caso do *bullying* existe uma tendência para as alunas estarem mais envolvidas em situações de agressão indirecta e os alunos em situações de agressão física, quer como vítimas, quer como agressores; as alunas envolvem-se especialmente em situações de *bullying* indirecto e de agressão verbal.

Os alunos de outras origens, que não a autóctone (neste caso a lusa), tendem a sentir-se mais vítimas dos seus colegas, quando consideramos a agressão não sistemática. No caso do *bullying* observou-se uma importante associação entre o estatuto de vítima e a origem asiática e entre o estatuto de agressor e a origem lusa ou de outros países da União Europeia.

Ao contrário do que referem muitas investigações, neste caso os maus-tratos entre iguais não são um fenómeno predominantemente masculino; se é certo que o género masculino é predominante no grupo dos agressores, já o grupo das vítimas surge como predominantemente feminino (se bem que mais associado à agressão não física). Este parece-nos ser um aspecto do fenómeno da violência a conhecer melhor através de outras investigações, uma vez que a par da evolução dos papéis sociais e dos estereótipos associados ao género, também as situações de agressividade vão sofrendo mudanças e podemos estar, neste domínio, algo distantes da descrição do fenómeno dos estudos dos anos oitenta e noventa.

Os maus-tratos entre iguais são um fenómeno que atravessa todos os estratos sociais, parecendo existir uma ligação entre o estatuto de aluno-vítima e famílias monoparentais ou ausência simultânea das figuras paterna e materna; quanto aos alunos com estatuto de agressores tendencialmente vivem com ambos os pais.

A agressividade, quer se expresse de forma sistemática, ou de forma ocasional, do ponto de vista dos alunos, parece estar muito associada à falta de auto-controlo, o que pode justificar-se pelas características da idade dos alunos que agridem, que se situa predominantemente entre os 13 e os 16 anos.

O estudo de caso a que estes dados se reportam leva-nos a inferir que o nível relativamente baixo de casos de maus-tratos sistemáticos observado

nesta escola poderá estar associado à existência de um ambiente relacional que é considerado bastante positivo pelos alunos. Todavia, pensamos que esta dimensão da investigação do fenómeno necessita de estudos mais alargados, que permitam a comparação entre escolas, no sentido de evidenciar aspectos do clima que constituem factores potenciadores ou, pelo contrário, protectores do fenómeno da violência nas escolas.

Nota

- 1 O questionário de Pereira & Almeida (Pereira, 2002), que foi utilizado em investigações com alunos portugueses dos 1º e 2º ciclos, para além de, nas perguntas sobre as situações de agressão e de vitimização, nem sempre estabelecer um lapso de tempo circunscrito (o que nos parece particularmente relevante para a caracterização do fenómeno e para a possibilidade de comparação de resultados das investigações), está adaptado a crianças, tanto na linguagem, como na própria apresentação gráfica, e no ciclo de estudo em que temos vindo a trabalhar o público-alvo são adolescentes e pré-adolescentes.

Referências

- AMADO, João, S. (1998). *Interacção Pedagógica e Indisciplina na aula (Um estudo de características etnográficas)*. Tese de doutoramento. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa (Texto policopiado).
- AMADO, João S. & FREIRE, Isabel P. (2002). *Indisciplina e Violência na Escola. Compreender para Prevenir*. Porto: Edições ASA.
- BORG, Mark G. (1999). The extent and nature of bullying among primary and secondary schoolchildren. *Educational Research*, Volume 41, Nº 2, pp. 137-153.
- CEREJO, Fuensanta R. (1999). *Conduitas Agressivas en la Edad Escolar. Aproximación Teórica y Metodológica. Propuestas de Intervención*. Madrid: Ediciones Pirâmide.
- FREIRE, Isabel P. (2001). *Percursos Disciplinares e Contextos Escolares — Dois estudos de caso*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa (Texto policopiado).
- OLWEUS, Dan (2000). *Bullying at School*. Oxford: Blackwell Publishers, Ltd.
- ORTEGA, Rosario R. (2003). Programas educacionais de prevenção da violência escolar na Espanha: o modelo Sevilha Antiviolença Escolar (SAVE), In E. Debardieux, K. Révolte, C. Blaya, E. Royer, R. Ortega, H. Cowlie, F. Pina & M. Abranovay, *Desafios e Alternativas: Violência nas Escolas*. Brasília: Ed. UNESCO, pp. 79-110.

- PEREIRA, Beatriz O. (2002). *Para uma Escola sem Violência. Estudo e Prevenção das Práticas Agressivas entre Crianças*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- PEREIRA, Beatriz O. & MENDONÇA, Denise (1995). O "bullying" na escola. Análise das práticas agressivas por ano de escolaridade. In *1º Encontro de Educação e Cultura do Concelho de Oeiras*, Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, pp. 39-57 (actas).
- PEREIRA, Beatriz O.; ALMEIDA, Ana T.; VALENTE, Lucília & MENDONÇA, Denise (1996). O bullying nas escolas portuguesas. Análise das variáveis fundamentais para a identificação do problema. In L. Almeida, J. Silvério & S. Araújo (Orgs). *Actas II Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia*, Braga: Universidade do Minho, pp. 71-81.
- SMITH, P. K.(1998). El Proyecto Sheffield. No sufráis en silencio. *Cuadernos de Pedagogia*, Nº 270, Junio, pp. 51-59.
- TATTUM, Delwyn & TATTUM, Eva (1997). Bullying: A Whole-School response. In N. Jones & E. B. Jones (Eds.), *Learning to Behave. Curriculum and Whole School Management Approaches to Discipline*, Londres: Kogan Page, pp. 67-84.
- VEIGA SIMÃO, Ana. M; FREIRE, Isabel & SOUSA FERREIRA, Ana (2004). Maus-tratos entre pares na escola — um estudo contextualizado. *Actas do Congresso Ibero-Americano sobre Violências nas Escolas*, realizado em Brasília, Brasil em 28 e 29 de Abril de 2004, patrocinado pela UNESCO, pelo Observatório de Violências nas Escolas e pela Universidade Católica de Brasília, (publicado em CD-ROM: 18076165 ISSN).
- WHITNEY, Irene & SMITH, Peter K. (1993). A survey of the nature and extent of bullying in junior/middle and secondary schools. *Educational Research*, vol. 35, nº 1, pp. 3-25.
- WHITNEY, Irene; SMITH, Peter K. & THOMPSON, David (1998). Bullying and children with special educational needs. In P. K. Smith, & S. Sharp (Eds.), *School Bullying. Insights and Perspectives*, Londres: Routledge, pp. 213-240.

VIOLENCE AMONG SCHOOL PEERS IN BASIC EDUCATION — A QUESTIONNAIRE SURVEYED FOR THE PORTUGUESE SCHOOL POPULATION

Abstract

In the present paper is presented one questionnaire that constitutes an instrument of study of different manifestations of violence between school peers, for the 3rd cycle of basic education, surveyed for the Portuguese population. After a short introduction to the problematic of violence between peers, we briefly describe the process of construction of the questionnaire and we present a synopsis of the instrument. Finally, are presented the most important results of the application of the related questionnaire to 242 pupils of a school of 3rd cycle of basic education of the city of Lisbon. The analysis of these data allowed to conclude, for example, that exists independence between to be bully and the school grade but, for the opposite, that the status of bully or victim vary with gender.

Keywords

Aggressors; Bullying; Questionnaire; Peer's violence; Victims

L'ÉTUDE DE LA VIOLENCE ENTRE PAIRS AU 3^{EME} CYCLE DE L'ENSEIGNEMENT DE BASE — UN QUESTIONNAIRE ÉTALONNÉ À LA POPULATION SCOLAIRE PORTUGAISE

Résumé

Dans cet article est présenté un questionnaire qui constitue un instrument d'étude de différentes manifestations de violence entre pairs, destiné au 3e cycle de l'enseignement basique et étalonné à la population portugaise. Après une brève introduction à la problématique de la violence entre pairs, nous décrivons à gros traits le processus de construction du questionnaire et en faisons une synopse. Enfin, sont présentés les résultats censés les plus

pertinents de la mise en oeuvre du questionnaire referé auprès de 242 élèves du 3e cycle de l'enseignement basique d'une école de Lisbonne. L'analyse de ces données a permis de conclure, par exemple, qu'il y a indépendance entre être agresseur de maltraitance (*bullying*) et l'année de scolarité, mais que, à l'inverse, les cas d'agression systématique (qu'il s'agisse d'élèves-victimes ou qu'il s'agisse d'élèves-agresseurs) varient selon le genre.

Mots-clé

Agresseurs; Maltraitance (*bullying*); Questionnaire; Violence entre pairs; Victimes

Recebido em Dezembro/2005
Aceite para publicação em Julho/2006

Anexo 1

UNIVERSIDADE DE LISBOA FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

QUESTIONÁRIO P/A O ESTUDO DA VIOLÊNCIA ENTRE PARES

Este questionário destina-se a recolher opiniões dos estudantes acerca de alguns aspectos da sua vida escolar. É anónimo e a informação recolhida através dele é absolutamente confidencial.

A tua colaboração sincera é fundamental para o estudo e compreensão das relações humanas na escola. Muito obrigado pela tua colaboração.

Ano de escolaridade: _____

A. Começamos por te pedir alguns dados de carácter pessoal:

1. Que idade tens? _____ 2. A que género pertences?

1 Masculino

2 Feminino

3. Onde nasceste?

1	Portugal
2	África
3	América
4	Ásia
5	Europa

4. Qual é a profissão do teu pai? _____

5. Qual é a profissão da tua mãe? _____

6. Quais são as habilitações académicas do teu pai?

1	Não sabe ler nem escrever
2	Sabe ler e escrever sem grau de escolaridade
3	1º ciclo (4º ano)
4	2º ciclo (6º ano)
5	Escolaridade obrigatória (9º ano)
6	Ensino secundário (12º ano)
7	Ensino Superior

7. Quais são as habilitações académicas da tua mãe?

1	Não sabe ler nem escrever
2	Sabe ler e escrever sem grau de escolaridade
3	1º ciclo (4º ano)
4	2º ciclo (6º ano)
5	Escolaridade obrigatória (9º ano)
6	Ensino secundário (12º ano)
7	Ensino Superior

8. Onde nasceu o teu pai?

1	Portugal
2	África
3	América
4	Ásia
5	Europa

9. Onde nasceu a tua mãe?

1	Portugal
2	África
3	América
4	Ásia
5	Europa

Questionário p/a o estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico – aferido para a população portuguesa

Freire, I. e Veiga Simão, A.M. (2005)

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

10. Qual a situação civil dos teus pais?

1	Casados
2	Divorciados
3	Separados
4	Viúvo(a)
5	União de facto
6	Solteiros

11. Tens irmãos?

1	Sim
---	-----

2	Não
---	-----

Se respondeste não passa à pergunta 12.

11.1. Quantos irmãos tens?

1	Um
2	Dois
3	Três ou mais

11.2. Os teus irmãos são?

1	Mais velhos
2	Mais novos
3	Mais velhos e mais novos
4	Mesma idade

12. Com quem vives?

1	com os pais
2	com pais e irmãos
3	só com a mãe
4	só com o pai
5	com mãe e irmãos
6	com pai e irmãos
7	outras situações

13. A que origem étnica pertences?

1	Lusa
2	Africana
3	Luso-africana
4	Indiana
5	Luso-indiana
6	Asiática
7	Luso-asiática
8	Brasileira
9	Luso-francesa
10	Luso-canadiano/americano
11	Luso-equatoriana

Agora gostaríamos que nos falasses de alguns aspectos da tua vida escolar.

1. O que pensas do ambiente da tua escola?

2. O que pensas do relacionamento entre as pessoas da tua turma?

Questionário p/a o estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico – aferido para a população portuguesa

Freire, I. e Veiga Simão, A.M. (2005)

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

- C. 1. Nas **duas últimas semanas** sentiste-te alguma vez vítima de alguma ou algumas das agressões que a seguir se referem, por parte de colegas, ou por outras pessoas, na escola ou nas suas imediações?
(Assinala com uma cruz nos quadrados que correspondem às situações de que foste vítima).

- 1.1. Empurraram-te, com violência

1	Sim
---	-----

2	Não
---	-----
- 1.2. Ameaçaram-te

1	Sim
---	-----

2	Não
---	-----
- 1.3. Gozaram-te/humilharam-te

1	Sim
---	-----

2	Não
---	-----
- 1.4. Bateram-te

1	Sim
---	-----

2	Não
---	-----
- 1.5. Chamaram-te nomes ofensivos

1	Sim
---	-----

2	Não
---	-----
- 1.6. Levantaram calúnias/rumores a teu respeito (disseram coisas más de ti ou da tua família)

1	Sim
---	-----

2	Não
---	-----
- 1.7. Excluíram-te do grupo (não quiseram conviver contigo)

1	Sim
---	-----

2	Não
---	-----
- 1.8. Tiraram-te coisas (objectos pessoais, dinheiro, ...)

1	Sim
---	-----

2	Não
---	-----
- 1.9. Magoaram-te, de propósito (beliscaram-te com força; picaram-te com objectos, ...)

1	Sim
---	-----

2	Não
---	-----
- 1.10. Estragaram-te objectos pessoais ou vestuário, de propósito

1	Sim
---	-----

2	Não
---	-----
- 1.11. Apalparam-te, contra a tua vontade

1	Sim
---	-----

2	Não
---	-----
- 1.12. Fizeram intrigas a teu respeito

1	Sim
---	-----

2	Não
---	-----
- 1.13. Outras agressões ou perseguições

1	Sim
---	-----

2	Não
---	-----

Quais? _____

2. Quantas vezes foste agredido ou perseguido neste período de tempo?

1	1 vez
2	2 vezes
3	3 vezes
4	mais de 3 vezes

3. Em que local ou locais ocorreram essas situações?

1	sala de aula
2	recreio
3	corredores e escadas
4	refeitório
5	espaços de Educação Física (balneários, pavilhão, ...)
6	casa de banho
7	imediações da escola
8	outra

Qual? _____

Questionário p/a o estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico – aferido para a população portuguesa
Freire, I. e Veiga Simão, A.M. (2005)

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

4. Nessas situações, foste agredido ou perseguido por:

1	1 pessoa
2	2 pessoas
3	grupo de pessoas

5. Essas pessoas eram colegas da tua escola?

1	Sim	2	Não
---	-----	---	-----

6. Alguma dessas pessoas ou desses grupos te agrediu ou perseguiu mais do que uma vez nessas semanas?

1	não
2	sim; 2 vezes
3	sim, 3 vezes
4	sim; mais de 3 vezes

6.1. **Se sim**, ainda continuas a ser agredido ou perseguido por essa(s) pessoa(s)?

1	Sim	2	Não
---	-----	---	-----

6.2. A(s) pessoa(s) que te agrediram era(m):

1	do género masculino
2	do género feminino

1	mais velhos
2	mais novos
3	da mesma idade

1	da tua turma
2	de outra turma do mesmo ano
3	de outra turma de outro ano

7. Alguém presenciou essa(s) situação(ões)?

1	Sim	2	Não
---	-----	---	-----

8. **Se sim**, o que fizeram as pessoas que presenciaram?

1	Não fizeram nada
2	Fugiram/tiveram medo
3	Recorreram a um adulto
4	Pediram ao agressor para parar
5	Aproximaram-se para ver
6	Apoiaram o agressor
7	Aconselharam a afastar-se do agressor
8	Riram-se da situação
9	Apoiaram o agredido
10	Outra

Qual? _____

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

- D. 1. Durante as **duas últimas semanas**, viste alguém ser vítima de alguma ou algumas das agressões que a seguir se referem, por parte de colegas, ou por outras pessoas, na escola ou nas suas imediações?
(Assinala com uma cruz nos quadrados que correspondem às situações que observaste).

- 1.1. Empurrar com violência
 1 Sim 2 Não
- 1.2. Ameaçar
 1 Sim 2 Não
- 1.3. Gozar/humilhar
 1 Sim 2 Não
- 1.4. Bater
 1 Sim 2 Não
- 1.5. Chamar nomes ofensivos
 1 Sim 2 Não
- 1.6. Levantar calúnias/rumores (dizer coisas más de alguém ou da sua família)
 1 Sim 2 Não
- 1.7. Excluir do grupo (não querer conviver com alguém)
 1 Sim 2 Não
- 1.8. Tirar coisas (objectos pessoais, dinheiro, ...)
 1 Sim 2 Não
- 1.9. Magoar de propósito (beliscaram com força; picaram com objectos, ...)
 1 Sim 2 Não
- 1.10. Estragar objectos pessoais ou vestuário, de propósito
 1 Sim 2 Não
- 1.11. Apalpar contra a vontade da pessoa
 1 Sim 2 Não
- 1.12. Fazer intrigas
 1 Sim 2 Não
- 1.13. Outras agressões ou perseguições
 1 Sim 2 Não

Quais? _____

2. O que fizeste?/ Que atitude tomaste?

1	Não fiz nada
2	Fugí/tive medo
3	Recorri a um adulto
4	Pedi ao agressor para parar
5	Aproximei-me para ver
6	Apoiei o agressor
7	Aconselhei-a a afastar-se do agressor
8	Ri-me da situação
9	Apoiei o agredido
10	Outra

Qual? _____

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

3. Onde ocorreram essas situações?

1	sala de aula
2	recreio
3	corredores e escadas
4	refeitório
5	espaços de Educação Física (balneários, pavilhão, ...)
6	casa de banho
7	imediações da escola
8	outra

Qual? _____

E. 1. Nas **duas últimas semanas** tiveste para com algum colega, na escola ou nas suas imediações, alguma das atitudes ou comportamentos que a seguir se referem?
(Assinala com uma cruz nos quadrados que correspondem aos comportamentos ou atitudes que tiveste).

1.1. Empurrar com violência

1	Sim	2	Não
---	-----	---	-----

1.2. Ameaçar

1	Sim	2	Não
---	-----	---	-----

1.3. Gozar/humilhar

1	Sim	2	Não
---	-----	---	-----

1.4. Bater

1	Sim	2	Não
---	-----	---	-----

1.5. Chamar nomes ofensivos

1	Sim	2	Não
---	-----	---	-----

1.6. Levantar calúnias/rumores (dizer coisas más de alguém ou da sua família)

1	Sim	2	Não
---	-----	---	-----

1.7. Excluir do grupo (não querer conviver com alguém)

1	Sim	2	Não
---	-----	---	-----

1.8. Tirar coisas (objectos pessoais, dinheiro, ...)

1	Sim	2	Não
---	-----	---	-----

1.9. Magoar de propósito (beliscaram com força; picaram com objectos, ...)

1	Sim	2	Não
---	-----	---	-----

1.10. Estragar objectos pessoais ou vestuário, de propósito

1	Sim	2	Não
---	-----	---	-----

1.11. Apalpar contra a vontade da pessoa

1	Sim	2	Não
---	-----	---	-----

1.12. Fazer intrigas

1	Sim	2	Não
---	-----	---	-----

1.13. Outras agressões ou perseguições

1	Sim	2	Não
---	-----	---	-----

Quais? _____

2. Quantas vezes praticas-te estas acções durante este período de tempo?

1	1 vez
2	2 vezes
3	3 vezes
4	mais de 3 vezes

Questionário p/a o estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico – aferido para a população portuguesa
Freire, I. e Veiga Simão, A.M. (2005)

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

3. Em que local ocorreram essas situações?

1	sala de aula
2	recreio
3	corredores e escadas
4	refeitório
5	espaços de Educação Física (balneários, pavilhão,)
6	casa de banho
7	imediações da escola
8	outra

Qual? _____

4. Estas acções foram praticadas em grupo com outros colegas ou sozinho?

1	sozinho
2	em grupo

5. Ao longo destas duas semanas, agrediste ou perseguiste algum dos teus colegas mais do que uma vez?

1	não
2	sim; 2 vezes
3	sim; 3 vezes
4	sim; mais de 3 vezes

6. Ainda continuas a agredir ou a perseguir algum desses colegas?

1	Sim	2	Não
---	-----	---	-----

7. Na tua opinião, quais as razões que levam a que tenhas estes comportamentos?

1	vingança
2	defesa de outros colegas
3	desprezo
4	"brincadeira"
5	reacção a provocações
6	irritação
7	outra

Qual? _____

8. O que sentes pelos colegas que agrides ou persegues na escola?

1	raiva
2	desprezo
3	pena
4	carinho
5	nada
6	outra

Qual? _____

9. A(s) pessoa(s) que agrediste ou perseguiste era(m):

1	do género masculino
2	do género feminino

1	mais velhos
2	mais novos
3	da mesma idade

1	da tua turma
2	de outra turma do mesmo ano
3	de outra turma de outro ano

Questionário p/a o estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico – aferido para a população portuguesa

Freire, I. e Veiga Simão, A.M. (2005)

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

10. Alguém presenciou essa(s) situação(ões)?

1 Sim 2 Não

10.1. **Se sim**, o que fizeram as pessoas que presenciaram?

1	Não fizeram nada
2	Fugiram/tiveram medo
3	Recorreram a um adulto
4	Pediram ao agressor para parar
5	Aproximaram-se para ver
6	Apoiaram o agressor
7	Aconselharam a afastar-se do agressor
8	Riram-se da situação
9	Apoiaram o agredido
10	Outra

Qual? _____

11. Foste castigado por causa dessa ou dessas situações?

1 Sim 2 Não

Se sim, qual foi o castigo? _____

12. Já alguém te ajudou a modificar o teu comportamento?

1 Sim 2 Não

Se sim, quem? _____

13.1. Gostarias de ter um comportamento diferente com os teus colegas?

1 Sim 2 Não

13.2. Porquê?

14. **Se sim**, o que já fizeste para mudar o teu comportamento?

1	não reagir às provocações
2	controlar-me melhor
3	conviver mais com os colegas
4	conviver menos com os colegas
5	nada
6	outro

Qual? _____

F. 1. O que pensas acerca do problema da agressividade na escola?

Questionário p/a o estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico – aferido para a população portuguesa
Freire, I. e Veiga Simão, A.M. (2005)

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

2. Consideras-te vítima da agressão ou perseguição de outros na escola?

1 Sim

2 Não

Se respondeste não passa à pergunta 3.

2.1. O que sentes quando te agridem ou perseguem?

2.2. A que razões atribuis essas situações?

2.3. O que fazes quando te sentes agredido (a) ou perseguido(a) por alguém na escola?

2.4.1. Já pediste ajuda a alguém para ultrapassar este problema?

1 Sim

2 Não

2.4.2. **Se sim**, a quem?

3. Achas que os teus colegas te consideram uma pessoa agressiva?

1 Sim

2 Não

Porquê? _____

3.1. Concordas com a opinião dos teus colegas?

1 Sim

2 Não

Porquê? _____

H. 1. Qualquer outro aspecto que queiras referir acerca da tua vida escolar, podes escrever aqui.
